

Narrativas Transmídia: os princípios do storytelling inseridos na série Dark, da Netflix

Narrativa Transmídia: os princípios do storytelling inseridos na série Dark, da Netflix.

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar a narrativa transmídia dentro da série Dark, partindo dos sete princípios do storytelling segundo o autor Henry Jenkins (2010). O estudo caracterizou-se como exploratório qualitativo, com técnica de observação. Os dados foram trabalhados pela análise de conteúdo. Os resultados apresentam que a série Dark possui uma narrativa robusta e eficaz.

Palavra chave: Storytelling; Dark; Transmídia; Henry Jenkins;

Narrativa transmedia: Los principios de la narración insertados en la serie Dark de Netflix.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo analizar la narrativa transmedia dentro de la serie Dark, a partir de los siete principios del storytelling según el autor Henry Jenkins (2010). El estudio se caracterizó como exploratorio cualitativo, con técnica de observación. Los datos fueron procesados por análisis de contenido. Los resultados muestran que la serie Dark tiene una narrativa robusta y eficaz.

Palabras claves: Storytelling; Dark; Transmedia; Henry Jenkins;

Transmedia narrative: The principles of narration inserted in the Netflix series Dark.

Abstract: This work aims to analyze the transmedia narrative within the Dark series, based on the seven principles of storytelling according to author Henry Jenkins (2010). The study was characterized as qualitative exploratory, with observation technique. Data were processed by content analysis. The results show that the Dark series has a robust and effective narrative.

Keyword: Storytelling; Dark; Transmedia; Henry Jenkins;

1 INTRODUÇÃO

A concepção de contar histórias vem sendo estudada pela civilização por milhares de anos, em contos de diversos gêneros, sejam eles bíblicos, histórias factuais ou narrativas informativas que comunicam acontecimentos. Essas histórias podem ter o propósito de educar, entreter, ou até mesmo explicar a concepção de mundo, já que até um artigo científico tem uma certa narratividade. Após o século XVIII, são criadas as mídias escritas e em seguida as radiofônicas e televisivas, como temos o conhecimento hoje em dia, e que são direcionadas a todos os tipos de público. Depois do surgimento e aplicação desses meios de comunicação na sociedade, os mesmos começam a se multiplicar cada vez mais, intensificando ainda mais o compartilhamento de conteúdos. O que nos faz necessitar de novas tendências, novas mídias de comunicação e, conseqüentemente, novos jeitos de informar.

Anos antes de se tornar comum, a prática de receber e interagir com mensagens sobre um mesmo assunto vindo de mídias distintas, além de Henry Jenkins os autores Castro e Mcsill já previa este rumo que a comunicação está prosseguindo na segunda metade do século XX. Exemplo disso é o estudo desenvolvido por Henry Jenkins (2009) para explicar a narrativa transmídia. De acordo com o autor, a narrativa transmídia, é o desenvolvimento de uma história por diversos meios midiáticos, fazendo com que cada novo texto contribua de maneira diferente e importante para o todo.

Cada canal midiático tem a função de produzir o que faz de melhor para que seja possível introduzir uma história em diferentes mídias. Estas mídias, então, devem gerar conteúdos que as conectam de alguma forma, no entanto, sem torná-las dependentes. É importante e necessário que seja possível consumir apenas um meio, e que este, seja possível a compreensão da narrativa.

A prática de distribuir determinado conteúdo em diversos meios é o que o autor Henry Jenkins (2009) conceitua por cultura da convergência, que leva o mesmo nome do seu livro homônimo. A cultura da convergência está instituída nas revistas que trazem matérias sobre as telenovelas; na internet que disponibiliza informações sobre os atores e atrizes; nos games que intensificam o material televisivo ao jogador. E cada meio no qual estes conteúdos estão inseridos geram experiências únicas para os usuários. Nesse sentido, o presente estudo tem por objetivo analisar a narrativa transmídia da série Dark a partir dos conceitos criados pelo autor Henry Jenkins.

O objeto de estudo analisado foi a série alemã *Dark* (2017), criada por Baran bo Odar e Jantje Friese e exibida pela plataforma de streaming, Netflix. O presente artigo está subdividido em capítulos. O primeiro capítulo contextualiza o tema proposto nesta introdução. O segundo capítulo trata do embasamento científico com os principais conceitos e teorias identificados na revisão da literatura. O terceiro capítulo explica os procedimentos metodológicos que embasaram a fase empírica desta pesquisa.

O quinto capítulo e último capítulo direciona os resultados e achados na pesquisa de campo. As considerações finais apresentam como o objetivo foi alcançado, além de inferir sobre as limitações da pesquisa e sugestões de estudos futuros.

Como principais resultados, pode-se destacar que a série *Dark*, utiliza-se de todos os sete princípios do storytelling. Contudo, percebe-se que o termo multiplicidade que é a narrativa sob a ótica de outro personagem e elemento do segundo princípio não é utilizado na narrativa da série. A partir dessa análise, pode-se concluir que a série possui uma narrativa robusta e assertiva.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Storytelling e Transmídia Storytelling

O conceito de Storytelling, simplificado, é a arte de contar histórias. Castro (2013) explica que *Story* é sobre um fato ou uma história, enquanto *Telling* é o fato recriado através de imagens ou narrativas.

É necessário ter uma conexão entre ideias e feitos, fazendo assim com que a história não se perca em muitas informações. A técnica consiste em expor algo com um começo, meio e fim, utilizando elementos que o construa, seja um personagem, ambiente, conflito, ou uma mensagem. Por outro lado, segundo o autor Mcsill (2013) o storytelling já podia ser notado nos ancestrais:

Storytelling é o velho hábito de contar histórias. Os nossos ancestrais já tinham esse hábito, quando, ao fim de cada dia, se reuniam em volta das fogueiras e contavam suas fantásticas caçadas e vitórias. Já naquele tempo, essa era a maneira de legitimar uma liderança por meio da referência. [...] Storytelling é a arte de contar uma história, ou seja, por meio da palavra escrita, da música, da mímica, das imagens, do som ou dos meios digitais. (MCSILL, 2013, p. 31).

Com o passar dos anos a era da conectividade surgiu, e com ela, a fragmentação da informação, causada pela proliferação de plataformas de mídia como redes sociais, blogs,

plataformas de streaming entre outros. Nessa era, bem no seu momento de ascensão, a prática de storytelling foi aprimorada e evoluída para Transmídia Storytelling.

Uma história em formato de transmídia é transmitido por meio de múltiplas plataformas de mídia, com “cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor – a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos” (JENKINS, 2009, p. 138).

O conceito da prática ficou conhecido na publicidade pelo autor Henry Jenkins (2009), norte-americano responsável pela obra intitulada Cultura da Convergência, na qual, ele afirma que a convergência das mídias vai muito além do que apenas uma mudança tecnológica nos meios de comunicação. Jenkins refere-se à convergência como: “o fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação.” (JENKINS, 2009, p. 29).

Além disso, o autor Henry Jenkins (2009), afirma que a convergência representa nada mais do que uma modificação cultural, enquanto os consumidores são incentivados a procurar novas informações daquele produto ou até mesmo uma marca, e então começam procurar a fazer conexões sobre tal história em meio aos conteúdos midiáticos.

A convergência dos meios é um processo em andamento, ocorrendo em várias interseções de tecnologias de mídia, indústrias, conteúdo e audiências; não é um estado final. Nunca haverá uma caixa preta para controlar todos os meios. Ao invés disso, graças à proliferação dos canais e à natureza cada vez mais ubíqua da computação e das comunicações, nós estamos entrando numa era onde a mídia estará em toda parte, e nós usaremos todos os tipos dos meios de comunicação relacionando-os uns aos outros. (JENKINS, 2009, p. 93)

Jenkins (2007) conceitua em seu artigo, “Transmedia Storytelling 101”, que em geral, uma narrativa transmidiática não é baseada em um personagem individual ou enredo específico, mas sim em universos ficcionais, os quais podem explorar uma variedade de entrelaçamentos de personagens e suas histórias. O autor então defende a ideia de que o processo de construção de universos incentiva o impulso geral, tanto em leitores quanto em autores. Considera que o deleite presente em uma narrativa transmídia é distinto de uma narrativa clássica.

2.2 Os sete princípios de storytelling de Henry Jenkins

Para classificar uma narrativa como sendo transmidiática pode-se recorrer ao modelo apresentado por Jenkins (2010). Para essa classificação, o autor aponta sete princípios importantes do entretenimento transmídia que devem ser cobertos pela narrativa, sendo eles:

a) Espelhar vs. Perfurabilidade

O termo Espelhar significa o comprometimento do telespectador em divulgar o conteúdo em diversos canais. Enquanto o termo, a perfurabilidade é a busca por mais informações sobre aquele universo onde a narrativa se desenrola e possíveis extensões pelos espectadores.

Esses dois conceitos são complementares, onde a espalhabilidade e a perfurabilidade se unem.

b) Continuidade vs. Multiplicidade

A continuidade é a coerência e confiança dos universos criados. Já a multiplicidade é a capacidade de conectar versões alternativas dos personagens e mundos da mesma história.

c) Imersão vs. Extratabilidade

A Imersão é quando o espectador entende e participa de todos os mundos que fazem parte do universo de uma narrativa transmídia. Já a extratabilidade é a ação feita quando o usuário pega um elemento de um universo e traz para a sua vida, como no caso dos bonecos de personagens ou roupas e adereços personalizados para a prática do Cosplay. Assim, segundo a lógica de Jenkins (2010), a cerveja amanteigada e os feijões mágicos de Harry Potter entrariam no princípio de extratabilidade.

d) Construção de mundos

A construção de mundos são ambientes que dão um ponto de vista mais preciso do mundo onde a narrativa se passa por meio de conhecimentos no mundo real e no mundo online. É também relacionado à imersão e extração.

e) Serialidade

A transmídia deve ser capaz de ser fragmentada em pequenas partes para ser distribuída, por meio de vários segmentos, exclusivos para cada plataforma, e expandida através de diferentes mídias.

f) Subjetividade

A subjetividade significa explorar uma história por meio de diferentes personagens ou até mesmo por diferentes pontos de vista.

g) Desempenho

O desempenho traz a possibilidade de que as obras feitas pelos fãs passem a fazer parte da própria narrativa transmídia. Fazendo assim, com que aquele público específico participe ativamente no desenvolvimento de uma franquia.

2.3 Comunicação na Netflix

De acordo com Lotz (2017), a Netflix foi fundada em 1997 por Reed Hastings e Marc Handolph, mas apenas no ano de 2007 passou a disponibilizar todo o seu conteúdo através de Vídeo On Demand (VOD). Por ter a facilidade de poder acessar em qualquer dispositivo com internet, muitas segmentações de público podem ser atendidas pela Netflix. Para fidelizar e fortalecer a sua existência no digital, a Netflix conta com perfis nas redes sociais que servem para unir dois principais elementos, os atores (pessoas, instituições e grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais) (Wasserman; Faust, 1994, Degenne; Forsé, 1999 apud Recuero, 2009).

Desde a sua expansão para a internet, por meio de redes sociais e os demais meios alternativos de comunicação, a Netflix virou referência quando o assunto é diálogo com o consumidor, usando sempre uma linguagem bem descontraída de forma que atinge todos os públicos. E, quando se trata de comunicação nas plataformas digitais, podemos afirmar que a Netflix possui muitos cases que viraram sucessos no decorrer de sua existência. Como, por exemplo a divulgação da quinta temporada da série *Orange Is The New Black*:



Figura 1 - Orange is The New Black, série original da Netflix.

Fonte: Youtube, 2017.

Nesse caso, o trio Inês Brasil, Valesca Popozuda e Narcisa Tamborindeguy aparecem juntas em um vídeo compartilhado pela Netflix Brasil para divulgar a quinta temporada da série Orange Is The New Black.

A Netflix Brasil resolveu fazer um vídeo promocional juntando três grandes ícones da internet brasileira num mesmo lugar. Inês Brasil, Valesca Popozuda e Narcisa Tamborindeguy aparecem lado a lado para fazerem a divulgação da nova temporada da série “Orange is the new black”. [...] Pode até ter sido um jogo da Netflix, mas foi um jogo do amor. A produtora mandou as três segurarem a marimba e ainda fez piada com o vazamento dos episódios da quinta temporada. (O VIRAL, 2017, n.p).

Neste exemplo, é possível verificar a estratégia de informação visto que está promovendo uma nova temporada, trazendo ao público o conhecimento do contexto da série, relacionado às três ícones da internet brasileira. Outro aspecto positivo que a página do serviço de streaming oferece é a interatividade com o público, sempre respondendo os comentários publicados em seus posts, e com humor. (LUPETTI, 2007)

2.4 Dark

A trama se resume em quatro diferentes famílias: Kahnwald, Nielsen, Doppler e Tiedemann que moram na fictícia cidade alemã chamada Winden. A rotina dos moradores dessa cidade muda totalmente quando duas crianças desaparecem misteriosamente nas proximidades da antiga usina nuclear. A partir daí, segredos familiares começam a surgir no

momento em que a polícia investiga o sumiço das crianças e logo se nota uma relação com mistérios do passado.

O principal elemento da série é a teoria buraco de minhoca¹, introduzida pelo físico Albert Einstein. Essa teoria está muito presente na trama, o tempo e o espaço parecem se embaralhar cada vez mais, causando uma enxurrada de tragédias que, estranhamente, se repetem a cada 33 anos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No presente capítulo, apresentam-se as questões metodológicas que foram necessárias para a condução da pesquisa. A modalidade da pesquisa escolhida, a abordagem utilizada, tal qual o método e instrumento de coleta dos dados.

Este artigo tem como objetivo fazer uma análise da narrativa transmídia dentro da série Dark. Para alcançar esse objetivo, foi necessário o desenvolvimento de um estudo bibliográfico e uma análise de conteúdo para identificar os sete princípios do storytelling segundo o autor Henry Jenkins (2010).

Dark é uma série de drama, ficção científica e suspense de origem alemã, produzida pela Netflix e criada por Baran bo Odar e Jantje Friese que foi lançada em dezembro de 2017.

Segundo dados da revista Rolling Stone (2020)², a série Dark se encontra na lista das 8 séries de produção não americana que mais fizeram sucesso na plataforma Netflix. Outros dados importantes foram a partir do site Rotten Tomatoes (2020)³ um dos maiores agregadores da crítica de cinema e televisão - realizou uma votação com objetivo de eleger a melhor produção original pela plataforma de streaming, nela continha mais de 60 títulos na disputa, e com um resultado de mais de 2,5 milhões de votos, a série Dark foi a vencedora, deixando de lado títulos como *Stranger Things*, *Peaky Blinders*, *Mindhunter* e entre outras.

Essa pesquisa se caracteriza como qualitativa e exploratória que, de acordo com Gil (2008), tem como objetivo principal desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias,

¹ Teoria buraco de minhocas: Um buraco de minhoca é uma das formas que a física já teorizou sobre a possibilidade de viajar pelo espaço-tempo, capaz de conectar locais distantes no universo criando um atalho e permitindo viajar entre eles mais rápido do que a luz levaria para transitar pelo espaço normal. (BBC News, 2020, np) <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-53067626>>. Acesso em: 18 nov. 2020.

²<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/7-series-da-netflix-feitas-fora-dos-eua-com-nota-mais-alta-do-imdb-dark-esta-na-lista-lista/> Acesso em: 01 de fev. 2021.

³ <https://editorial.rottentomatoes.com/article/the-netflix-original-series-showdown/> Acesso em: 01 de fev. 2021

tendo como objetivo a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Segundo o autor, estes tipos de pesquisas são os que apresentam menor rigor no planejamento, pois são elaboradas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato.

Para Prodanov (2013), a utilização do método qualitativo difere da abordagem quantitativa pelo fato de não utilizar dados estatísticos como o centro do processo de análise de um problema, não tendo a prioridade de numerar ou medir unidades. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são fundamentais no processo dessa pesquisa em questão. Para Gil (2008), as pesquisas qualitativas são utilizadas para que se possa ter acesso a informações mais aprofundadas sobre o objeto em questão, por meio do contato direto com a situação em que está sendo estudada.

A análise dos dados nas pesquisas experimentais e nos levantamentos é essencialmente quantitativa. O mesmo não ocorre, no entanto, com as pesquisas definidas como estudos de campo, estudos de caso, pesquisa-ação ou pesquisa participante. Nestas, os procedimentos analíticos são principalmente de natureza qualitativa. E, ao contrário do que ocorre nas pesquisas experimentais e levantamentos em que os procedimentos analíticos podem ser definidos previamente, não há fórmulas ou receitas predefinidas para orientar os pesquisadores. Assim, a análise dos dados na pesquisa qualitativa passa a depender muito da capacidade e do estilo do pesquisador. (GIL, p. 175, 2008)

Como método de coleta deste estudo foi utilizado levantamento bibliográfico e análise de conteúdo. O levantamento bibliográfico ou pesquisa bibliográfica inclui estudos a partir de revistas, livros, teses, jornais, dissertações, anais de eventos científicos e mais recentemente, admitiu a internet como fonte de informação. A pesquisa bibliográfica tem como função fornecer fundamentação teórica para o trabalho e conhecimento atualizado sobre a área de estudo (GIL, 2008).

Já a análise de conteúdo foi feita a partir do modelo dos sete princípios de Storytelling criados pelo autor Henry Jenkins (2010) que são: espelhar x perfurabilidade, continuidade x multiplicidade, imersão x extratabilidade, construção de mundos, serialidade, subjetividade e desempenho. E, como instrumento de coleta, foi utilizado um roteiro de observação a partir do modelo de storytelling. Segundo o autor Gil (2008) o método de observação apresenta como principal vantagem, em relação a outras técnicas, a de que os fatos são percebidos sempre diretamente, ela é composta por elementos fundamentais necessários para uma

pesquisa, tais como, desde a criação do problema, construção de hipóteses, a coleta, análise e até a interpretação dos dados.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Após um levantamento bibliográfico, utilizamos os princípios de uma Narrativa Transmídia descritos por Henry Jenkins (2010) para analisar a série Dark ao formato midiático estudado. A proposta da pesquisa é analisar a narrativa da série sob a perspectiva dos sete princípios da teoria transmidiática.

Primeiro princípio: Espelhar vs. Perfurabilidade

O primeiro princípio de Jenkins (2010) fala sobre a profundidade de uma produção, onde o conteúdo deve ser fragmentado e dividido em diversas plataformas de forma com que eles se complementam para que assim cada meio possua uma nova informação ao universo narrativo construído. O importante nesse princípio é entender que cada meio midiático deve conter uma informação única e bem explorada pelas possibilidades de seu meio.

Em Dark, este princípio pode ser encontrado com base nas mídias que foram criadas a partir do Instagram da série, que inicialmente contava apenas com a conta oficial, depois passou a ser criado outras seis contas que são direcionadas para cada ano específico em que se passa a série (@darknetflix1921, @darknetflix1953, @darknetflix1986, @darknetflix2019, @2019darknetflix e @darknetflix2053), tornando assim o acesso de informações por ordem cronológica sobre os acontecimentos. Ou seja, temos a história da série contada em postagens de uma maneira mais resumida.

Além disso, a série também possui um site que é totalmente interativo e sem spoiler nenhum, pode ser visto na figura 2. Nele é possível entender mais sobre cada personagem e suas funções em cada “tempo” presente na série.

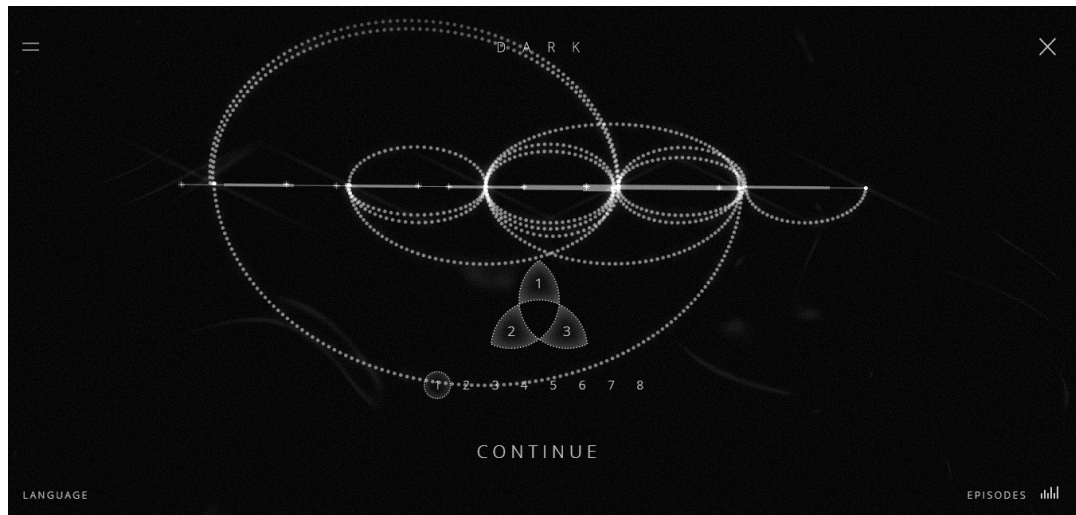


Figura 2 - Site Dark oficial

Fonte: Dark, 2020.

O uso desses formatos permitiu a imersão dos espectadores na utilização mais efetiva de cada meio presente, que de forma complementar explicam este primeiro princípio.

Segundo princípio: Continuidade vs. Multiplicidade

O segundo princípio fala sobre a continuidade de uma narrativa, nele o autor Henry Jenkins (2010), afirma que as narrativas transmidiáticas sejam construídas numa estrutura linear, ou seja que tenham uma sequência, podemos observar isso em séries e também em algumas produções cinematográficas, onde a narrativa em questão se desenrola através de temporadas ou sequências de filmes. Podemos relacionar esse princípio a série Dark, pois assim como o mesmo já retrata, existe a necessidade de haver uma continuidade e a série é formada a partir de três temporadas contínuas.

Já o termo multiplicidade diz respeito à distribuição da narrativa a partir do ponto de vista de outro personagem, surgindo assim a possibilidade do interator acompanhar seus personagens favoritos a partir de outra narrativa. Comparando esse termo a série, não é possível tomarmos, pois não existe outra narrativa na visão de outro personagem de Dark fora da série.

Terceiro princípio: Imersão vs. Extratabilidade

O terceiro princípio contém elementos dessemelhantes no processo de continuidade da narrativa. Observando a imersão, se torna viável colocar o espectador como um integrante presente da estória, na qual, o mesmo dispõe um grande nível de interação, fazendo então com que se depare com novas referências e vias inseridas no meio de comunicação, além do acesso cedido a ele. Já o princípio extratabilidade, considera a utilização desse universo na rotina do público, é onde se encaixam os produtos da série.

Comparando com esses princípios podemos observar dentro da série diversos elementos que possibilitaram a imersão dos fãs na narrativa de Dark, como por exemplo:

A icônica jaqueta amarela⁴ usada pelo personagem Jonas no decorrer das três temporadas e também pela Marta na terceira temporada da série, que pode ser visualizada na figura 3.



Figura 3 - Jonas, segunda temporada de Dark.

Fonte: Netflix, 2020.

O colar do fio vermelho⁵ com pingente da moeda alemã de 1986 criada pelo personagem Helge Doppler, que apareceu logo na primeira temporada utilizada por cada menino encontrado morto. E também o colar com a medalha de São Cristóvão⁶ que o

⁴ <https://www.amazon.com.br/BESTcos-Jaqueta-cosplay-Kahnwald-amarela/dp/B08CMNSBWF>

⁵ <https://www.amazon.co.uk/Dark-Netflix-Pfenning-Necklace-Christopherus/dp/B08FTGWRPX>

⁶ <https://www.amazon.co.uk/Saint-Christopher-Medal-Christopherus-Travellers/dp/B08NLPSMV3>

personagem Jonas encontrou no lago e mais tarde deu a Martha, ele é visto pela primeira vez no início da 2ª temporada. Todos esses itens citados estão à venda em sites de compra online que pode ser visualizado na figura 4.



Figura 4 - modelo similar a jaqueta usada pelo Jonas e Marta.

Fonte: Amazon

Quarto princípio: Construção de mundos

No princípio construção de mundos, o processo de desenvolvimento de um universo fictício demanda-se um planejamento extenso e específico na hora de adaptar a peça para as demais mídias, buscando assim a assertividade nos fins escolhidos. Na maioria das vezes, em uma trama, os elementos da criação manifestam-se com o intuito de acrescentar um determinado assunto que é demonstrado a partir da compreensão e entendimento individual de cada receptor.

Na produção de uma narrativa é fundamental expor ao público informações básicas do funcionamento do seu universo, a partir de hábitos e diretrizes, visando assim a instituição da coesão, mesmo divergindo da realidade. Tendo em vista o princípio da construção de mundos, podemos relacionar nele o site que foi criado logo após o lançamento da terceira temporada de Dark que funciona de maneira interativa, como pode ser visualizado na figura 5.

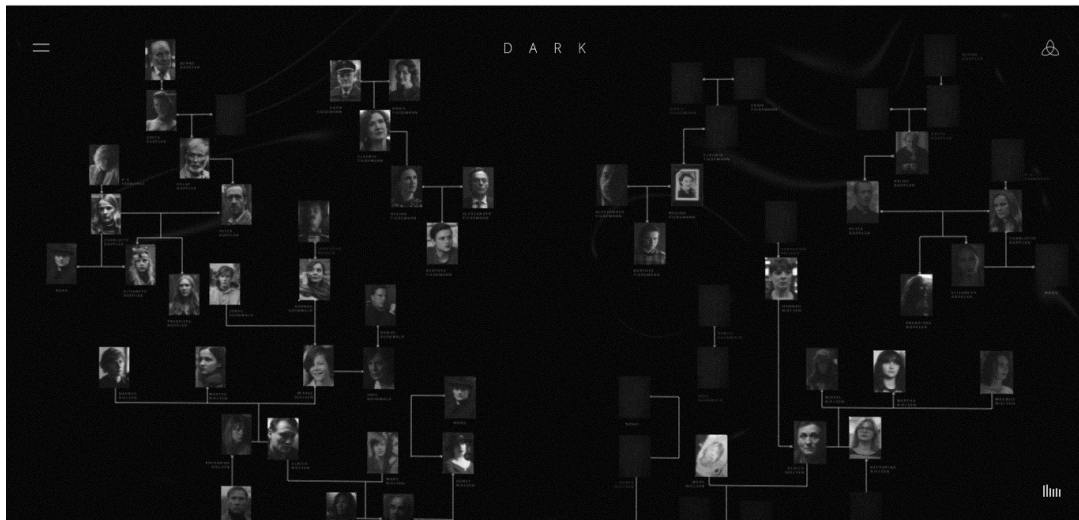


Figura 5: Site Dark oficial

Fonte: Dark, 2020.

Após apontar em que momento da trama o episódio está, o site leva o usuário para a árvore genealógica dos personagens, mostrando a relação entre eles. Ao clicar em um dos personagens, o usuário pode ver uma descrição, qual seu papel na série além de ver uma linha temporal que mostra se a pessoa já viajou ou não no tempo e para quando.

Quinto princípio: Serialidade

O princípio da serialidade contribui com a fragmentação dos segmentos narrativos com a intenção de trabalhar longas narrativas com a separação de episódios e temporadas.

Além da divisão da narrativa em um único meio de comunicação, para podermos adaptar a narrativa ao formato de transmídia, parte desse conteúdo deve ser elaborado em outro canal midiático, sem esquecer que o principal argumento para uma narrativa transmídia é que cada meio de comunicação possua um aspecto individual as outras mídias já utilizadas, tendo como seu principal objetivo adquirir públicos específicos de cada meio.

Quanto a esse princípio na narrativa de Dark, podemos destacar o trabalho da Netflix em lançar de forma física e inédita o livro “Uma viagem no tempo” de H.G Tannhaus que aparece na série (e que pode ser visualizado na figura 6), como um press kit⁷ antes do lançamento oficial da segunda temporada de Dark.

⁷ O press kit é um meio muito utilizado na estratégia de comunicação, ele pode ser visto como uma maneira de divulgação que reúne vários materiais informativos sobre uma determinada marca, produto ou serviço específico.



Figura 6 - Livro “Uma viagem no tempo” de H.G Tannhaus.

Fonte: Netflix, 2020.

Nele contém informações como títulos dos episódios da segunda temporada, as teorias de pontes Einstein-Rosen, buracos de minhoca, o paradoxo de Bootstrap, o ciclo lunar-solar e várias imagens misteriosas que fazem parte da série.

Sexto princípio: Subjetividade

Conectado à coesão da narrativa e a multiplicidade a ser elaborada em uma história, o autor descreve o princípio da Subjetividade como um meio para expandir o universo narrativo, analisando personagens secundários, além de momentos que não foram entregues de maneira completa, dando espaço assim para a percepção de novas histórias com o objetivo de imergir o espectador ainda mais na trama. Comparando o princípio subjetividade com a série Dark, pode ser destacar alguns personagens que apareceram na série e que mostraram seu ponto de vista, um dos exemplos que mais se destacaram na série foi o personagem Mikkel Nilsen que tem seu lado da história mostrado na segunda temporada no ano de 1986, logo após o seu desaparecimento em 2019, e também a personagem Marta Nilsen que teve destaque na terceira e última temporada, quando sua versão de outro universo aparece como personagem secundária mais importante para o fim da série.

Sétimo princípio: Desempenho

O sétimo e último princípio conceituado por Jenkins (2010), diz respeito sobre a relação do seu público com a mídia, é quando percebemos que aquilo que foi criado pelos interatores da trama começam a fazer parte da narrativa, transformando assim em um novo conteúdo transmidiático. Para esse princípio em questão, os fãs da série Dark criaram diversas teorias e histórias sobre a série. Um exemplo que ficou bem conhecido pelos fãs foi o vídeo publicado no youtube pelo próprio canal da Netflix (vide figura 7) em que se apresentam teorias sobre a série, uma delas é a teoria sobre quem realmente é o personagem Adam.

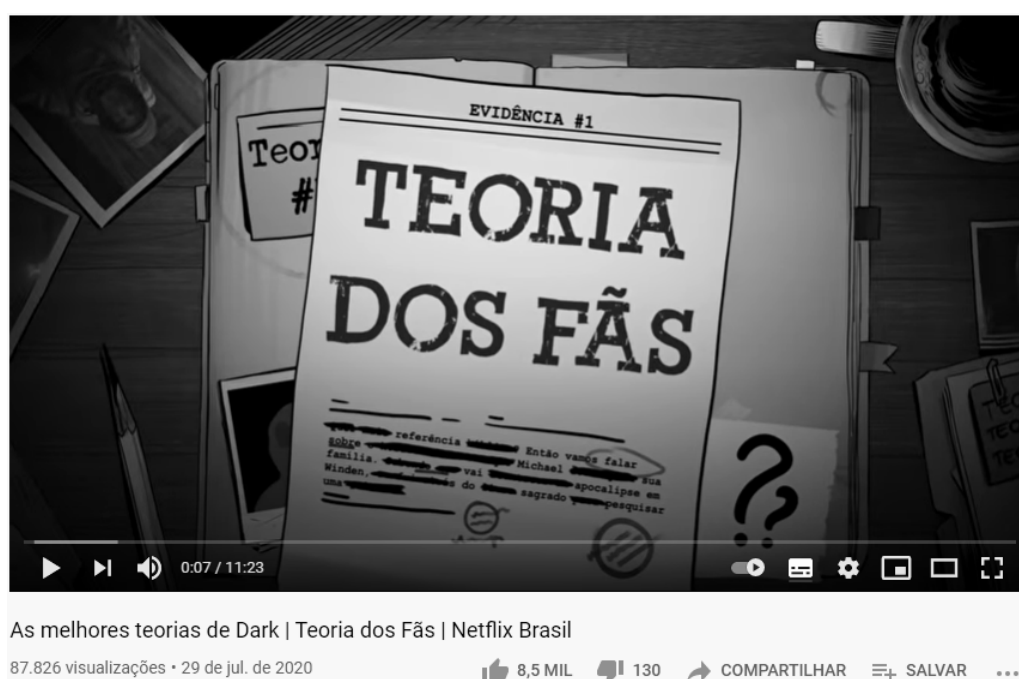


Figura 7 - As melhores teorias de Dark.

Fonte: Youtube, 2020.

Outro exemplo são as fanfictions⁸ criadas pelos fãs da série. Essas histórias são contadas sobre uma possível trajetória dos personagens após o final da série. Um exemplo disto foi a fanfic publicada por uma fã em um site próprio para publicações de fanfictions, onde a mesma conta sobre uma possível trama dos personagens Noah e Elisabeth.

⁸ fanfiction: Fanfic ou fanfiction são ficções criadas por fãs, que utilizam uma história ou personagens de um determinado trabalho já existente para criar sua própria história baseada nele.

Princípios de Jenkins para o storytelling	Série Dark
1º Espelhar vs. Perfurabilidade	Contas no instagram (@darknetflix1921, @darknetflix1953, @darknetflix1986, @darknetflix2019, @2019darknetflix e @darknetflix2053) e site oficial https://dark.netflix.io/en
2º Continuidade vs. Multiplicidade	Continuidade das temporadas da série. Segundo termo, Multiplicidade, não encontrado na narrativa da série.
3º Imersão vs. Extratabilidade	Jaqueta amarela usada pelo Jonas e pela Marta, colares (fio vermelho e colar medalha de São Cristóvão).
4º Construção de mundos	Site oficial da série.
5º Serialidade	Livro “ uma viagem no tempo ”.
6º Subjetividade	Personagens que na série mostraram o seu ponto de vista. ex: Mikkel e Marta.
7º Desempenho	Fanfictions e vídeos sobre teorias.

5 CONSIDERAÇÕES

O presente trabalho tem por objetivo analisar a narrativa transmídia dentro da série Dark, partindo dos sete princípios do storytelling segundo o autor Henry Jenkins (2010). Esse objetivo foi alcançado a partir da análise comparativa entre cada princípio do storytelling na série Dark. Verificou-se, a partir da análise, que todos os princípios de Jenkins (2010) foram aplicados, exceto o termo multiplicidade.

Conforme o quadro comparativo, foi desenvolvido uma análise de cada princípio do storytelling, nessa análise foi possível destacar a particularidade de cada princípio, além de vinculá-las ao universo da série Dark, sendo possível identificar a presença dos mesmos inseridos na trama. Na realização deste artigo, podemos concluir que a partir do momento que uma narrativa é produzida de forma robusta e bem estruturada, a mesma tem a possibilidade de se adequar a várias plataformas, podendo assim, atingir diferentes tipos de público, gerando uma experiência personalizável.

REFERÊNCIAS

BBC NEWS, **O que são os exóticos 'buracos de minhoca' de Einstein e Rosen, que poderiam levar a viagens no tempo e no espaço, 2020.** Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-53067626>>. Acesso em: 18 nov. 2020.

CASTRO, Alfredo. **Storytelling para resultados: como usar histórias no ambiente empresarial.** 1. ed. Rio de Janeiro: QUALITYMARK, 2013.

DARK. (Temporada 1). [Seriado] Direção: Baran bo Odar. Roteiro: Baran bo Odar; Jantje Friese. Produção: Baran bo Odar, Jantje Friese, Wiederman & Berg Filmproduktion, Justyna Musch, Quirin Berg, Max Wiedermann. Alemanha: Netflix, 2017. Streaming, cor. 10 episódios.

DARK. (Temporada 2). [Seriado] Direção: Baran bo Odar. Roteiro: Baran bo Odar; Jantje Friese. Produção: Baran bo Odar, Jantje Friese, Wiederman & Berg Filmproduktion, Justyna Musch, Quirin Berg, Max Wiedermann. Alemanha: Netflix, 2019. Streaming, cor. 8 episódios.

DARK. (Temporada 3). [Seriado] Direção: Baran bo Odar. Roteiro: Baran bo Odar; Jantje Friese. Produção: Baran bo Odar, Jantje Friese, Wiederman & Berg Filmproduktion, Justyna Musch, Quirin Berg, Max Wiedermann. Alemanha: Netflix, 2020. Streaming, cor. 8 episódios.

DARK. **The Official Guide.** 2020. Disponível em: <https://dark.netflix.io/en> Acesso em: 20 abr. 2021

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZAGA, Rafael. **Dark entenda passo a passo a série mais complicada da Netflix.** Omelete, 2020. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/series-tv/dark-entenda-passo-a-passo-a-serie-mais-complicada-da-netflix> Acesso em: 30 out. 2020

JENKINS, Henry. **Transmedia Storytelling 101.** 2007. Disponível em: http://henryjenkins.org/blog/2007/03/transmedia_storytelling_101.html Acesso em: 01 nov. 2020

JENKINS, Henry. **Transmedia Education: the 7 Principles Revisited.** 2010. Disponível em: http://henryjenkins.org/blog/2010/06/transmedia_education_the_7_pri.html

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Aleph, 2009.

LOTZ, A. D. **The television will be revolutionized.** Nova York/Londres: New York University Press, 2007.

LUPETTI, Marcélia. **Planejamento de Comunicação.** 2. ed. São Paulo: Futura, 2001.

MCSILL, James. **5 lições de storytelling: fatos, ficção e fantasia**. 1. ed. São Paulo: DVS EDITORA, 2013.

MORAES, Alison. **Press Kit: O que é e como elaborar na sua estratégia de comunicação**. Comunique-se, 2019. Disponível em:
<https://www.comunique-se.com.br/blog/o-que-e-press-kit/> Acesso em: 22 de abr. de 2021

O VIRAL. **Inês Brasil, Valesca Popozuda e Narcisa Tamborindeguy juntas em vídeo da Netflix**. Uol, 2017. Disponível em:
<https://blogs.ne10.uol.com.br/oviral//2017/06/08/ines-brasil-valesca-popozuda-e-narcisa-tamborindeguy-juntas-em-video-da-netflix/> Acesso em: 2 de nov. de 2020

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. 1ª Edição. ed. Meridional: Porto Alegre, 2009.

ROLLING STONE. **As 8 séries da Netflix feitas fora dos EUA com notas mais altas do IMDb (Dark esta na lista?)**. Disponível em: .
<<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/7-series-da-netflix-feitas-fora-dos-eua-com-nota-mais-alta-do-imdb-dark-esta-na-lista-lista/>> Acesso em: 01 de fev. 2021.

ROTTEN TOMATOES. **Rt users crown Dark the greatest Netflix original series**. Disponível em:
<<https://editorial.rottentomatoes.com/article/the-netflix-original-series-showdown/>> Acesso em: 01 de fev. 2021

STEN, Thais. **O que são fanfics? Conheça os gêneros e subgêneros das fanfictions**. Dicionário popular, 2017. Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/fanfic/> Acesso em 23 de abr. 2021

Resumo sobre autores:

Marta Brod

Marta Brod possui graduação em jornalismo pela Faculdade de Pato Branco (2007) e mestrado em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2016). Atualmente é professora titular dos cursos de comunicação social da UniSociesc Blumenau.

Bruna de Souza Waldrich

Bruna de Souza Waldrich nasceu em Blumenau/SC no ano de 1999, é profissional de mídia em uma agência de publicidade na sua cidade natal e atualmente está cursando o 8º semestre de publicidade e propaganda na instituição Unisociesc de Blumenau.